

**Ação Conjunta de Produtores Locais e a Institucionalização do Mercado de Suinocultura do Vale do Piranga - MG.**

**PAMELA TORRES DE OLIVEIRA**  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA (UFV)  
pamelapam.oliveira@yahoo.com.br

## Ação Conjunta de Produtores Locais e a Institucionalização do Mercado de Suinocultura do Vale do Piranga - MG

### 1 INTRODUÇÃO

A história da suinocultura do Vale do Piranga, inclusa na Zona da Mata no estado de Minas Gerais, revelam que a região é tradicional na criação de suínos. Inicialmente, por volta da década de 1970, a atividade ainda recebia o nome de criação de porcos, porco de chiqueiro e pocilga. No passado a região dedicava-se, basicamente, à agricultura, sendo o cultivo de cana-de-açúcar, por muito tempo, sua principal atividade. Nos anos 1970, a suinocultura já existia na região, porém era ainda bastante pequena e com poucos produtores tecnificados. No início da década de 1980, por influência da Agrocerec Pic, especialista no segmento de suínos e parte do grupo corporativo Agrocerec, e da atuação bandeirante de um grupo de suinocultores, a região de Ponte Nova passou por um processo de modernização de suas granjas, momento em que os produtores absorveram um novo conceito de produção de suínos que incluía transformações em termos de tecnologia, genética, nutrição, sanidade, manejo, dentre outros aspectos relativos à produção suinícola.

Atualmente, a microrregião de Ponte Nova, igualmente conhecida como Vale do Piranga, é considerada um aglomerado produtivo por apresentar uma elevada concentração de empresas rurais destinadas à atividade de suinocultura, e se destaca por seus números, sobretudo quando comparados aos da Região Sul do país, principal referência no setor. Todavia, o modo de produção das duas regiões se diferem especialmente pelo fato desta última operar segundo o modelo de produção integrada às agroindústrias, enquanto o Vale do Piranga atua no sistema de produção independente, no qual são os próprios suinocultores os responsáveis pela compra dos insumos necessários às suas produções, assim como pela comercialização com os abatedouros ou processadores.

A análise segundo as classes de classificação da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), mostra que a atividade econômica de Criação de Suínos (ID CNAE 01547) é a principal atividade econômica dentro da seção Agropecuária e a segunda principal atividade econômica em geral da microrregião, responsável por 6,0% do total de empregados, ficando atrás apenas da atividade de Administração Pública em Geral (ID CNAE 84116) que emprega 22%. Outro destaque é a atividade relacionada ao Abate de Suínos e Aves na região (ID CNAE 10121) que também é a mais representativa dentro da seção Indústria de Transformação, e emprega 4,4% do número total de empregos. (DATAVIVA/RAIS -2014). De acordo com a Secretaria de Estado de Agricultura e Abastecimento de Minas Gerais (SEAPA-MG, 2015), os municípios da Zona da Mata, especificamente: Urucânia, Jequeri e Ponte Nova, ocupam a segunda, quinta e oitava posição respectivamente, relativa à quantidade de plantel de suínos no estado de Minas Gerais.

Outro destaque se relaciona à participação da atividade de suinocultura da região no mercado de exportação. Dados da Secretaria de Comércio Exterior revelam que o principal produto por valor exportado da microrregião de Ponte Nova é a carne suína, tendo como principais destinos, por valor exportado, as seguintes localidades: Hong Kong, Turquia, Haiti e Costa do Marfim (DataViva/Secex/2015). Já o *ranking* de exportação de carne suína e subprodutos elaborado pela Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA, 2016), demonstrou que no ano 2015 o Frigorífico Saudali, localizado nessa região, destacou-se na 38ª posição, entre as 50 principais empresas elencadas por esta associação.

Esses dados auxiliam na compreensão acerca da representatividade do Vale do Piranga enquanto referência na produção independente de suínos no estado de Minas Gerais, e destaque na cadeia produtiva nacional do ramo. Contudo, os mesmos não permitem a compreensão acerca da história do processo de institucionalização desse mercado, é portanto sobre esse aspecto que esse trabalho pretende analisar.

A suinocultura do Vale do Piranga reserva peculiaridades próprias de sua forma de constituição e desenvolvimento, a principal delas é o protagonismo exercido pelos suinocultores locais e as instituições por eles criadas. Sendo assim, acredita-se que a investigação das ações que culminaram na criação das três principais organizações locais e setoriais da região - a Associação dos Suinocultores do Vale do Piranga, MG (Assuwap), a Cooperativa dos Suinocultores de Ponte Nova e Região (Coosuioponte) e o Frigorífico Industrial do Vale do Piranga S.A. (FRIVAP), cujo nome fantasia é Frigorífico Saudali – contribui para a compreensão da base sobre a qual se deu o processo de institucionalização do mercado de suinocultura dessa região.

As discussões sobre o papel das instituições no desenvolvimento econômico é um convite a pensar na questão da competição para além dos fatores, ou das variáveis tradicionais de análise. Essas instituições ao mesmo tempo que são capazes de regular, também são reguladas por ações de seus participantes e de outras instituições com as quais se relacionam. Trata-se, portanto, de um processo de interação, regulação e aprendizado de mão dupla que visa superar as demandas e os problemas comuns por meio da ação conjunta (DOUGLAS, 1998; PUTNAM, 2002; NORTH, 2006; BAIARDI, 2008).

A investigação acerca do processo de institucionalização desse mercado tem potencial de contribuir para os estudos em estratégias de organizações à medida que traz à discussão elementos, tais como valores compartilhados, senso de pertencimento ou identidade, capazes de conduzir indivíduos à prática de um comportamento de cooperação, este que é fator essencial para que haja êxito na ação conjunta em aglomerados.

Essa investigação foi conduzida de forma a responder à seguinte pergunta: o processo de institucionalização do mercado de suinocultura no Vale do Piranga - MG foi resultante de ações autointeressadas ou de ações condicionadas por interesses coletivos? O objetivo foi compreender o processo de institucionalização por meio da análise da história de criação das organizações pioneiras deste mercado, e narradas por seus dirigentes.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Relações sociais, confiança, reciprocidade e capital social são todos conceitos relacionados e que auxiliam na compreensão das relações de cooperação e ação conjunta. Capital social diz respeito às características da organização social, como confiança, normas e sistemas, as quais contribuem para o aumento da eficiência da sociedade, facilita as ações coordenadas e, por sua vez, facilita a cooperação espontânea. Confiança, normas ou regras de reciprocidade e sistemas de participação constituem formas de capital social que tendem a ser cumulativos e a reforçar-se mutuamente ao longo do tempo em um ciclo virtuoso (PUTNAM, 2002).

Bachman e Zaheer (2014) descrevem que a confiança é a decisão favorável à expectativa positivas ao invés de expectativas negativas, quando as duas possibilidades são possíveis. Em outras palavras, constitui a expectativa de que a contraparte agirá de maneira confiável, previsível e também justa, sobretudo quando o potencial para o oportunismo estiver presente. Já Putnam (2002) considera que a confiança é um elemento básico do capital social com potencial de promover cooperação voluntária, contudo, alerta para o fato de que a confiança necessária para promover cooperação não é uma ocorrência às escuras ou cega. A confiança pressupõe uma previsão do comportamento do outro, sendo este independente.

Granovetter (1985) realiza uma crítica aos economistas neoclássicos por perceberem a ação como produto exclusivo das motivações auto interessadas dos atores e independentes das estruturas sociais as quais estão imersos. Para o autor, a ação econômica está situada socialmente portanto, não pode ser explicada de maneira adequada apenas por motivações individuais nem por acordos ou planos institucionais. A ação econômica se realiza em um sistema de relações sociais em contínua transformação e que exerce considerável influência no

comportamento dos atores.

O comportamento dos agentes no mercado pode ser associado às motivações que eles encontraram para decidir cooperar ou não. Nesse sentido, Putnam (2002) considera que a teoria dos jogos contribui para a compreensão do dilema da ação coletiva em diferentes circunstâncias e, em todas elas, revela que se ambas as partes tivessem optado por cooperar os resultados seriam melhores. Para o autor, “a incapacidade de cooperar para o mútuo proveito não significa necessariamente ignorância ou irracionalidade”, pois a condição de cooperar envolve não somente a confiança no outro, mas também a crença de que se goza da confiança dos demais (PUTNAM, 2002, p. 173).

No contexto das aglomerações produtivas, Schmitz (1997) chama atenção para a necessidade de se compreende-las para além das questões de economias externas não intencionais ou incidentais descritas por Marshall. Essa interpretação seria insuficiente para explicar o desempenho das aglomerações pois é necessário considerar os movimentos conscientemente, e voluntariamente, postos em curso por iniciativas de ação coletiva.

Postura similar à de Schmitz acerca da importância das ações conjuntas e da cooperação entre os agentes é adotada por Suzigan, Garcia e Furtado (2002), que alertam para a necessidade de estímulo à promoção e manutenção de relações cooperativas entre os agentes, a fim de promover ações conjuntas entre eles e o aumento da competitividade dos produtores do aglomerado de forma comum.

Sobre essa relação aparentemente incompatível entre cooperação e competição, Costa e Costa (2007) constataram que no interior de uma aglomeração de empresas havia a presença de um *mix* de cooperação e competição. A cooperação teria o papel de minimizar as economias de escala, reduzir os riscos e custos de transação, melhorar o fluxo de recursos, ensejar capacidades inovativas e perceber ganhos de oportunidade. Por outro lado, a competição tem potencial de fornecer maior dinamismo ao aglomerado, o que resultaria em fortalecimento da competitividade das empresas perante a difusão e melhoria das condições e práticas produtivas.

Schmitz (1997) defende a tese de que a capacidade de cooperação voluntária privada melhora o desempenho institucional e econômico de aglomerações produtivas. Para o autor, a capacidade de *joint action of local producers*, ou seja, ação conjunta dos produtores locais, é um dos principais fatores a ser considerado na análise da constituição e do desempenho das aglomerações. Uma das conclusões de seu trabalho, no qual os termos ações conjuntas ou cooperação são empregados como sinônimos, foi que “*joint private action has been more prominent than government intervention in resolving market failure*” (SCHMITZ, 1997, p. 18). Sua tese portanto aponta para o fato de que não obstante o posicionamento dominante em defender a intervenção governamental em falhas de mercado, a resolução dessas falhas tem sido realizada, de forma mais frequente, por intervenção de ação conjunta voluntária de atores privados.

A dedicação à análise acerca de ação conjunta de grupos ou cooperação entre atores locais também tem ajudado a entender a maneira pela qual emergem as instituições. Douglas North (2006) vem dedicando atenção ao estudo das instituições e as considera como produto das relações humanas que exercem o papel de regulação do comportamento individual e social, em especial na esfera da vida econômica. O autor faz distinção entre instituição e organização que de maneira bastante simplificada seria: as instituições são as regras do jogo em uma sociedade enquanto que as organizações são os jogadores.

Fligstein (2007, p.63), apresenta ideia semelhante ao interpretar que as instituições são as “regras que produzem a interação social, surgem, permanecem estáveis e se transformam”. Elas tanto são capazes de capacitar como de coagir os atores sociais, e esses, por sua vez, podem utilizar as instituições existentes para criar novos campos de ação, ou, ainda, fundar novas instituições.

A ação conjunta de atores privados descritos por Schmitz (1997) pode ser relacionada com

a interpretação dada por North (2006) acerca da atuação dos empresários. São os empresários, políticos ou econômicos, os agentes das mudanças institucionais e as fazem por meio de suas percepções subjetivas, chamadas de modelos mentais. O elemento-chave da mudança institucional é a constante relação entre organizações e instituições em contexto econômico de restrições e, conseqüentemente, de competição. A mudança institucional deliberada pode ser entendida então como a “consequência das demandas dos empresários no contexto dos custos percebidos como necessários para alterar a estrutura institucional em várias frentes” (NORTH, 2006, p. 14).

As fontes de mudanças institucionais são entendidas como sendo as oportunidades percebidas pelos empresários, podendo derivar tanto de mudanças externas no meio ambiente, quanto da aquisição de conhecimentos ou habilidades por parte dos atores que, em função dos seus constructos mentais, indicam novas oportunidades. Os constructos mentais dizem respeito ao modo como as informações são recebidas e processadas, e são determinados pela complexidade do ambiente em que atuam, pela carência de informações sobre suas ações e pelo condicionamento cultural herdado (NORTH, 2006).

Fligstein (2007) considera que os momentos que coincidem com a criação de instituições acontecem quando grupos de atores sociais se confrontam uns com os outros em cenário de interação social que haja contestação. Esses momentos teriam origens nas crises dos grupos existentes por motivo de tentativa de produção de interações estáveis ou, ainda, quando consideram que as regras vigentes não mais servem a seus interesses. Portanto, são momentos essencialmente políticos e marcados por lutas por recursos escassos entre grupos detentores de distintos níveis de poder. Esse processo de constituição de instituição pode fracassar, muitas vezes, devido a diferentes interesses e identidades de grupos de atores sociais, comprometendo sua estabilidade.

Douglas (1998) trabalha com a relação de cooperação e solidariedade entre membros de um determinado grupo, e estabelece associação entre o pensar individual e o pensar dominante da instituição da qual participam. Para a autora, o senso de pertencimento e de identidade ocupa valores centrais, embora seja imprescindível que haja o cálculo racional sobre aquilo que atende aos interesses do indivíduo, desde que não exclua o atendimento ao bem comum.

A autora sugere a abordagem neo-institucionalista para explicar a tomada de decisão no sentido de promover e participar da ação coletiva. Nessa perspectiva, as decisões tomadas pelo indivíduo são feitas de forma racional, com base no conhecimento de que dispõe, mas são também influenciadas pelos valores institucionais que ele compartilha. Dessa forma, entende-se que a racionalidade do indivíduo está voltada para o contexto institucional do qual faz parte (NORTH, 1991, 2006; DOUGLAS, 1998).

A mesma abordagem foi considerada por Putnam (2002) para explicar como e porque as instituições formais são criadas e mantidas, e de que maneira elas estimulam a ação coletiva para superação de problemas comuns. Os três elementos fundamentais dessa abordagem seriam: a concepção de que as instituições moldam a política; a história molda as instituições; e o contexto social em que as instituições estão inseridas também molda as instituições.

Por outro lado, Fligstein apresenta ressalvas tanto ao neo-institucionalismo como à abordagem da escolha racional no que diz respeito à explicação da ação conjunta, e defende a necessidade de acrescentar uma concepção alternativa. Para tanto, introduz a ideia de habilidade social, que sugere que para induzir um comportamento cooperativo alguns atores devem ajudar o grupo a decidir seus interesses, compor suas identidades e se envolver com as questões de grupo. A habilidade social de atores-chave tem o poder de "induzir a cooperação entre os atores ao definir os interesses e as identidades coletivas que permite o surgimento e a reprodução das instituições" (FLIGSTEIN, 2007, p. 67).

A intenção do autor ao inserir o conceito é fornecer um fundamento sociológico ao tema, em oposição ao individualismo metodológico tradicional. Segundo sua percepção, a vida social

gira em torno de obter ação coletiva, e isso, por sua vez, exige que os participantes dessa ação sejam induzidos a cooperar, podendo fazer uso de coerções e sanções, se necessárias, para compelir os outros. Todavia, muitas vezes, os atores estratégicos hábeis são capazes de fornecer identidades e quadros culturais para motivar os outros, o que coloca as coerções e sanções em segundo plano. Os atores estratégicos hábeis, também chamados de empreendedores institucionais, são capazes de encontrar formas de induzir grupos com características diversas a cooperar, assumindo o ponto de vista desses grupos e criando significados capazes de exercer apelo a um maior número de atores (FLIGSTEIN, 2007).

### 3 METODOLOGIA

De acordo com a classificação de Godoy (1995) para as abordagens qualitativas, este artigo pode ser classificado como um estudo de caso, uma vez que visa ao exame detalhado de uma situação em particular. Quanto ao acesso aos dados, foram utilizados fontes primárias, provenientes de entrevistas com roteiros semiestruturados e documentos (atas, estatutos, informes e vídeos institucionais pertencentes às entidades locais analisadas), e fontes secundárias, obtidas por meio de bibliografias sobre a temática estudada e informações de órgãos setoriais a respeito da suinocultura da região analisada.

Foram identificadas e selecionadas três unidades de análise para realização da investigação as quais correspondem às organizações locais vinculadas diretamente à atividade de suinocultura na região. A primeira é a Associação dos Suinocultores do Vale do Piranga (Assuvap) criada em julho de 1985, a segunda é a Cooperativa dos Suinocultores de Ponte Nova e Região (Coosuioponte) criada em 1998, e a terceira é o Frigorífico Industrial do Vale do Piranga S.A., ou Frigorífico Saudali, empresa sociedade anônima constituída em 1995, cujas operações de produção foram inauguradas em 2000. O Frigorífico Saudali foi criada a partir da união de 52 produtores locais de suínos, e atualmente é constituída por 39 desses.

Os sujeitos de pesquisa foram selecionados a partir da identificação dos ocupantes dos cargos de diretor-presidente das três entidades citadas desde o momento de suas constituições até gestão atual. Quando não houve acesso direto ao diretor presidente de um período específico, o critério de disponibilidade foi observado, recorrendo a pesquisadora à entrevista com outro membro ocupante de cargo de diretoria da mesma gestão. Foram entrevistados 14 suinocultores ao término da coleta de dados.

Quanto à contextualização temporal, a pesquisa fez uso da abordagem longitudinal (PETTIGREW; FERLIE; McKEE, apud SALAMA, 1994), procedimento no qual o objeto em estudo é analisado a partir do seu contexto sociocultural e histórico. A compreensão dos processos de criação dessas três diferentes organizações setoriais locais foi realizada, principalmente, a partir das narrativas dos suinocultores envolvidos diretamente nesses processos, que são os fundadores e/ou gestores dessas entidades.

A análise dos conteúdos advindos das entrevistas foi realizada por meio do uso do Alceste (Análise Lexical Contextual de um Conjunto de Segmento de Texto), que consiste num programa de análise de dados textuais criado por Max Reinert e introduzido no Brasil em 1998. A proposição central do Alceste está relacionada ao mundo lexical no qual as palavras são usadas para comunicar e expressar as ideias e opiniões (SARAIVA; COUTINHO; MIRANDA, 2011). O programa possibilita uma análise lexical quantitativa que valoriza a palavra como unidade, mas também oferece uma contextualização geral da entrevista.

Seguindo as orientações de Camargo (2005) e Souza et al. (2009) sobre os procedimentos operacionais para utilização do Alceste, inicialmente foi construído um banco de dados das entrevistas realizadas, as quais foram digitalizadas e reunidas em um único documento digital, chamado de *corpus*, e salvo no tipo texto.txt (padrão do programa). O *corpus* consiste na coleção completa dos escritos, reunidos em um único documento, provenientes da pesquisa, sendo o conjunto finito de materiais preparados de antemão pelo pesquisador, de

acordo com a finalidade metodológica adotada no estudo (AZEVEDO, COSTA; MIRANDA, 2013).

Cada entrevista corresponde a uma Unidade de Contexto Inicial (UCI) e são separadas por linhas de comando onde foram atribuídas variáveis descritivas. Um exemplo de uma linha de comando criada na pesquisa, com suas respectivas variáveis-atributos, é descrito a seguir:

\*\*\*\* \*en\_01\*di\_02\*as\_02\*co\_02\*ac\_02

Onde 'en', 'di', 'as', 'co' e 'ac' correspondem às respectivas variáveis descritivas: indivíduo entrevistado, ocupantes de cargos de diretoria, se atualmente associado, se atualmente cooperado, e se atualmente acionista.

A análise do Alceste ocorre em quatro etapas: (a) Leitura do texto e cálculos dos dicionários; (b) Cálculos das matrizes de dados e classificação das Unidades de Contextos Elementares (UCEs); (c) Descrição das classes de UCEs; (d) Cálculos complementares. A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) resultante do processamento padrão realizado permitiu a análise lexicográfica dos segmentos de texto gerando unidades de contexto, ou classes, que se caracterizam por compartilhar segmentos de texto semelhantes (IMAGE, 1998; CAMARGO, 2005).

#### **4 RESULTADOS COM USO DO ALCESTE: O DISCURSO DOS DIRIGENES DAS ORGANIZAÇÕES PIONEIRAS DA SUINOCULTURA DO VALE DO PIRANGA**

No processamento da análise-padrão do *software* Alceste, o *corpus* foi constituído de 14 Unidades de Contexto Iniciais (UCIs), as quais correspondem à quantidade de suinocultores dirigentes entrevistados, resultando em 59.912 ocorrências, sendo 5.147 palavras diferentes. Para a análise, foram consideradas as palavras com frequência igual ou superior à média e com  $X^2 \geq 3,84$  (padrão do programa Alceste). Após a redução dos vocábulos às suas formas raízes, foram encontradas 989 palavras reduzidas e analisáveis e 956 UCEs (Unidade de Contexto Elementar). A Classificação Hierárquica Descendente (CHD) reteve 72% do total das UCEs do *corpus*, organizando-as em seis classes.

O dendograma apresentado na Figura 1 foi elaborado com base nas partições apresentadas pelo Alceste, nele podem ser observados os títulos atribuídos pela pesquisadora a cada uma das seis classes de acordo com interpretação atribuída ao conjunto de UCEs reunidas nas mesmas. Foram destacadas a quantidade de UCEs apresentadas em cada classe e sua representação percentual no *corpus*. As palavras de maior associação dentro de cada classe também foram exibidas por meio de suas formas reduzidas de radical e seu somatório das formas variadas associadas ao mesmo.

A primeira partição realizada originou dois conjuntos de classes nomeadas, neste trabalho, de organizações (classes 1, 2, 3 e 4) e cenários (classes 5 e 6). O primeiro, foi subdividido em outras duas partições: 'Não setorial', representado pela classe 1, e 'Local e setorial', representado pelas classes 2, 3 e 4. O segundo, foi subdividido em duas classes: classe 5, nomeadas de 'Pauta', e classe 6, nomeada de 'Antecedentes'.

Como a pesquisa buscou a compreensão da lógica do processo de institucionalização do mercado de suinocultura no Vale do Piranga - MG por meio da investigação das ações empreendidas por seus dirigentes, a discussão das classes se iniciará pela classe 6 por terem sido nela reunidas as palavras relacionadas aos antecedentes da suinocultura na região. Em seguida, foram analisadas e discutidas as classes 2 e 3, inclusas no subconjunto denominado 'setorial e local', e em seguida a classe 1 e 4, inclusas no conjunto organizações, sendo a classe 1 inclusa no subconjunto 'não local' e a classe 4, no subconjunto 'setorial e local'. Por fim, mas não menos importante, foi analisada a classe 5, pois, se por um lado, a classe 6 levou à compreensão das ações que culminaram com o início da suinocultura na região, a classe 5 permitiu a discussão das ações e das pautas atuais da suinocultura estudada.

Figura 1 - Dendograma da Classificação Hierárquica

CLASSE 3 255 UCE 27%		CLASSE 4 161 UCE 17%		CLASSE 2 144 UCE 15%		CLASSE 1 116 UCE 12%		CLASSE 5 185 UCE 19%		CLASSE 6 95 UCE 10%	
Coosui ponte		Saudali		Assuvap		Organização Não Setorial		Pauta Suinocultura		Antecedentes	
Forma reduzida de radical	X*	Forma reduzida de radical	X	Forma reduzida de radical	X	Forma reduzida de radical	X	Forma reduzida de radical	X	Forma reduzida de radical	X
Coosui ponte	185	Saudali	98	Assuvap	91	PMPN	36	Suíno	126	Suinocultura	54
Cooperativa	145	Acionista	40	Reunião	44	Projeto	33	Milho	63	Atividade	35
Compra	116	Conselho	30	Entidades	37	Financiamento	32	Mercado	52	Região	29
Unidez	54	Diretor-Presidente	20	Sindicato Rural	33	Mão de obra (treinamento)	30	Carne	42	Tecnologia	25
Grupo	49	Administrador	17	ASEMG	33	BDMG	28	Brasil	34	Agroceres	24

X\*: Corresponde ao somatório das formas variadas associadas ao radical

Fonte: Elaborada pela autora, com dados do Alceste (2016).

#### 4.1 Antecedentes (classe 6): o início da suinocultura nas narrativas dos suinocultores

A classe 6, denominada antecedentes envolveu 95 UCes, com 102 palavras, significando 10% do *corpus*. A análise das UCes reunidas nessa classe permitiu a contextualização histórica do início da suinocultura a partir da interpretação de seus principais protagonistas.

O processo de modernização iniciado no fim dos anos 1970 e início de 1980 colocou a região de Ponte Nova como referência mineira na produção tecnificada. As narrativas mostram que aliada à atuação precursora de um número reduzido de atores locais, houve também grande disposição por parte dos suinocultores da região para absorver as novas tecnologias. Essa disposição, por sua vez, também foi consequência da racionalidade assumida por eles no sentido do conhecimento que dispunham sobre as novas características de produção moderna que vinham sendo aplicadas.

Tal processo, provocou na região uma dinâmica significativa no desempenho dos atores. Primeiro porque muitos dos atuais suinocultores, naquele momento inicial, se espelharam ou acompanharam as decisões tomadas pelos demais suinocultores, como ilustrado no argumento a seguir: “... foi através de experiências positivas de um e de outro que foi começando, um olhando o quintal do outro e começou a criação de suínos e principalmente a tecnificada ...” (Entrevista 1).

Segundo, porque esse processo também desencadeou mudanças nas estruturas de trabalho: a suinocultura deixava de ser atividade secundária ou terciária para se tornar atividade primária ou, para alguns, a única fonte de produção e renda (CRITT, 2003). Alguns relatos



mencionaram que durante o processo de tecnificação das granjas muitos profissionais, antes funcionários de empresas fornecedoras de insumos, nutrição e genética, passaram a atuar como consultores independentes nessas granjas, como também a região passou a atrair atenção de outras empresas interessadas no potencial de sua suinocultura.

#### **4.2 A criação da Assuvap (classe2): “... foi unir pra ganhar força”**

A classe 2, denominada Assuvap, envolveu 144 UCEs, com 123 palavras, significando 15% do *corpus*. Essa classe reuniu vocábulos que na interpretação da pesquisadora diz respeito às características atribuídas pelos suinocultores entrevistados à sua representação de classe regional, que é a Assuvap. A análise das UCEs permitiu identificar as motivações e os fatores associados à necessidade da criação de uma instituição que pudesse ter um papel político de representação dos suinocultores do Vale do Piranga.

As narrativas que remetem ao processo de constituição da Assuvap no ano de 1985 revelaram aspectos que dizem respeito aos principais atores que estiveram envolvidos nessa iniciativa, assim como o papel desempenhado por eles. Pode-se dizer que muito antes da criação da Assuvap os suinocultores, considerados na leitura dos participantes uma quantidade bastante reduzida comparada à de hoje, reuniam-se em encontros informais e muitas vezes em bares ou nas casas de alguns deles para discutir os assuntos relativos à suinocultura.

[...] antes da gente constituir a Assuvap nós fazíamos o preço de suíno no botequim, ou então a gente conversava através de telefone [...] e assim comercializávamos com base naquela informação, aí o Márcio teve a ideia da associação, tanto que o Márcio foi o primeiro presidente e foi a cabeça da Assuvap, [...] (Entrevista 13).

A ação coletiva para superação de problemas comuns (DOUGLAS, 1998; PUTNAM, 2002) e o cenário de crise que coincide com a tentativa de criação de instituições (FLIGSTEIN, 2007) foram aspectos observados nessa pesquisa. De acordo com os relatos, a suinocultura de Ponte Nova estava passando por um período de intensa fiscalização das granjas de suínos e por períodos de adaptação às novas legislações ambientais, às normas de manejo e às normas de segurança alimentar. Esse contexto foi narrado por diferentes entrevistados nesse trabalho e também em um vídeo institucional exibido no canal TV Assuvap no *YouTube*, com fins de comemoração dos 25 anos da associação – Documentário Assuvap 25 anos – Uma História de União e Amizade (TV ASSUVAP, 2010).

Com relação à interação entre os produtores locais, foi relatado que inicialmente as reuniões mantinham um caráter informal, o que foi responsável pelo fortalecimento dos laços de amizade entre o grupo. Os fatores apontados pelos entrevistados que teriam motivado ou influenciado a decisão de participarem e de se reunirem em formato de uma associação foram relacionados à necessidade de troca de informação, de aperfeiçoamento tecnológico e de representação política diante dos órgãos de governo.

Outras narrativas destacaram que a decisão de associar vem expressa na percepção de vínculos de reciprocidade e de confiança e na crença de que a classe organizada tinha maior representatividade. Como mostra os trechos a seguir: [...] eu sempre pensei que era preciso reunir essa turma, começar a conversar, tomar uma cerveja, e aí foi nascendo uma amizade, uma confiança um com o outro, [...] (Entrevista 14); [...] porque eu tenho por princípio que a classe unida ela é mais forte, então eu acho que não tinha como ficar fora da Assuvap, a gente tem que participar e unir a classe em torno dos objetivos que a gente tem em vista, [...] (Entrevista 4).

Pode-se dizer que os produtores locais passaram por um processo de mudança de mentalidade, de formação de uma identidade ou mesmo de compartilhamentos de valores bastante significativo, o qual certamente permanece em transformação. Tal processo apresenta sem dúvidas grandes dificuldades, houve relatos, por exemplo, que destacaram as limitações

quanto ao compartilhamento de informações relativas ao preço praticado no mercado do suíno pelos diferentes suinocultores, o que servia de base ou referência para os suinocultores comercializarem o produto na região.

Putnam (2002) observou que em condições de ausência, fragilidade ou não percepção de um compromisso mútuo confiável os atores tendem a não participar. Pode-se dizer então que dificuldades decorrentes de tais condições foram enfrentadas pelo grupo de suinocultores no sentido de reunir outros produtores e incentivá-los a participar das reuniões da associação.

Como destacam os estudos relativos às aglomerações existe portanto um misto de relações de competição e cooperação em torno de aglomerados (SCHMITZ, 1997; SUZIGAN, GARCIA E FURTADO, 2002; COSTA E COSTA, 2007). A forma pela qual essa relação se constitui ou é conduzida sobretudo por seus atores determina, ainda que não isoladamente, o desempenho do aglomerado.

### **4.3 Criação da Coosuioponte (classe 3): “...os interesses de todos eram os mesmos: comprar o mais barato possível”**

A classe 3, denominada Coosuioponte, envolveu 255 UCEs, com 113 palavras, significando 27% do *corpus*, sendo a classe que reuniu o maior número de UCEs, portanto a mais representativa segundo os resultados do programa. Na análise dessa classe foram investigados os fatores, os condicionantes e os atores envolvidos na iniciativa de criação de uma cooperativa de suinocultores na região.

A questão relacionada às condições de comercialização e de aquisição dos insumos para produção de suínos na região era discursão constante entre o grupo de suinocultores e pauta nas reuniões da Assuvap. De acordo com as narrativas, existiam algumas lojas que vendiam insumos para a produção suinícola na região e alguns fornecedores de representação regional, porém os suinocultores percebiam uma situação de dependência, porque havia determinações sobre qual produto adquirir e poucas condições de negociação.

Como North (2006) destaca a constante relação entre organizações e instituições em contexto econômico de restrições e, conseqüentemente, de competição, pode provocar mudança institucional deliberada. No caso analisado, pode-se dizer que a mudança institucional ocorrida foi consequência das demandas dos suinocultores locais os quais assumem o protagonismo das ações que culminaram com a criação da segunda instituição setorial vinculada à suinocultura na região, que foi a Coosuioponte fundada em 1998.

Não obstante ao fato de que já existia a Assuvap, nem todos associados se tornaram cooperados naquele momento. A justificativa para esse fato foi interpretada a partir de dois aspectos: primeiro, a existência de um outro grupo de compra na região; e segundo, a elevada desconfiança em relação à formação de cooperativas na região.

A existência do Grupo Unidez aparece nos relatos de forma quase unânime, contudo há diferenças com relação à interpretação atribuída pelos entrevistados sobre o papel desse grupo no momento de constituição da Coosuioponte. O termo Unidez diz respeito ao nome atribuído a um escritório de compra, criado em 1993 e com sede na cidade de Urucânia, constituído a partir da reunião de 12 suinocultores, em sua maioria considerados grandes produtores, principalmente das cidades de Urucânia e Jequeri. Esse grupo de compra se encontra em vigência porém, atualmente, muitos de seus membros também são afiliados à Coosuioponte.

Esse grupo aparece nas narrativas como referência de um grupo bem sucedido, e foi apontado como fator de motivação para a constituição da cooperativa. Alguns relatos enfatizaram as restrições existentes à época para a inclusão de novos suinocultores neste grupo, o que também foi indicado como fator impulsionador para a criação de um novo grupo de compra, porém com constituição formal distinta daquele.

Por meio das narrativas foi possível identificar a formação de grupos distintos de suinocultores, os chamados “grandes”, reunidos no grupo de compra Unidez, e o novo grupo, que inicialmente reunia os pequenos e médios suinocultores da região. Novamente, nota-se que

a ação conjunta e a interação social em ambiente de contestação coincide com a tentativa de criação de instituição para superação de problemas comuns de um grupo (DOUGLAS, 1998; PUTNAM, 2002; FLIGSTEIN, 2007).

Ocorre que inicialmente não houve interesse por parte dos suinocultores pertencentes ao Unidez em aderir à cooperativa, em parte devido ao fato de já terem suas necessidades atendidas por meio do grupo de compra já constituído e bem consolidado. Contudo, após cerca de sete anos de constituição da Coosuioponte, foram narradas a posterior inserção desses produtores. Esse fato tem relevância na análise dessa classe porque permite trazer à discussão a atuação do que Fligstein (2007) chamou de habilidade social.

Foi indicado pela maioria dos entrevistados que tal inserção ocorreu por intermédio do bom relacionamento de um dos presidentes da cooperativa com os sócios do grupo Unidez que foram convidados, novamente, a fazer parte da já constituída cooperativa. Na entrevista com esse presidente, foi narrada que a tentativa de inclusão dos suinocultores do grupo Unidez na Coosuioponte foi feita com a expectativa de que outros suinocultores, ainda não participantes de nenhum dos dois grupos, pudessem perceber um incentivo a mais em cooperar, haja a vista que também os “grandes” o faziam. As narrativas levam a crer portanto que houve o desempenho de um papel intermediador e facilitador desse presidente, enquanto ator estratégico hábil capaz de ajudar o grupo a decidir seus interesses, compor suas identidades e se envolver com as questões de grupo.

As UCEs reunidas nessa classe também destacaram as dificuldades de constituição da Coosuioponte em função de experiências negativas passadas com cooperativas na região, as quais mantem na região certa resistência, reservas e mesmo críticas com relação às cooperativas de modo geral, como demonstrando nesse relato: [...] eu vou te falar que é a desconfiança, medo de associativismo, o próprio nome cooperativa é um nome pejorativo na região aqui, [...] (Entrevista 1). Somado a isso, muitos relatos exultaram a “desconfiança do mineiro” como um fator que, naquele momento de criação, foi determinante para o número reduzido de cooperado.

De maneira geral, os entrevistados acreditam que por conta da solidez da Coosuioponte, de seus longos anos de constituição e pelo fato de os cargos de diretoria não serem remunerados, atualmente o fator desconfiança pese menos na decisão de adesão à cooperativa. No entanto, os entrevistados consideram que ainda há necessidade de desenvolvimento do associativismo e do cooperativismo entre a classe na região. Tal observação permite relacionar ao risco de oportunismo indicado por Putnam (2002), que descreve a situação onde, mesmo participando, não ocorre de fato a troca de informações e o compromisso mútuo entre os membros.

#### **4.4 Criação do Frigorífico Saudali (classes 1 e 4): “... porque era um sonho que a gente tinha”**

A classe 1 envolveu 116 UCEs, com 126 palavras, corresponde a 12% do *corpus* e foi denominada neste estudo de organização não setoriais. A classe 4 nomeada de Frigorífico Saudali, envolveu 161 UCEs, com 125 palavras, significando 17% do *corpus*. Essas duas classes foram analisadas de forma conjunta, porque foi notado que ambas reuniram UCEs que se inserem no contexto da ação conjunta voluntária entre atores locais para a constituição de um novo empreendimento.

A classe 4 reuniu UCEs relacionadas aos elementos internos ou locais à constituição do frigorífico (com destaque para as palavras acionistas, diretor, conselho, estudo de viabilidade e profissionalismo). Já a classe 1 apresentou os elementos não setoriais e/ou não locais, porém presentes nas narrativas do momento de constituição (Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais - BDMG, prefeitura, governador, mão de obra e garantia).

As narrativas que descrevem a conjuntura da idealização do Frigorífico Saudali demarcam duas distintas etapas. A primeira refere-se à realização das ações iniciais para verificar a viabilidade do negócio. Para tanto, foram realizadas visitas a frigoríficos dos estados do Sul e contratado o estudo de viabilidade, considerado pelos participantes como primeiro ato

formal da ação conjunta para a criação do frigorífico.

A segunda etapa corresponde à execução do projeto em si, e foram destacadas principalmente as dificuldades enfrentadas para a aquisição dos empréstimos, o relacionamento com órgãos públicos para obtenção das licenças ou serviços necessários para a instalação do frigorífico, as mudanças de composição acionária em virtude das crises ocorridas nos períodos de construção e nos primeiros anos de funcionamento da indústria, e os conflitos entre administradores e acionistas/produtores.

A discussão acerca da iniciativa de ação conjunta para solução de problemas comuns e o surgimento de instituições também se insere neste caso (DOUGLAS, 1998; PUTNAM, 2002; FLIGSTEIN, 2007). A análise das narrativas permitiu compreender que o momento de constituição do Saudali coincide com a crise relacionada à comercialização do suíno, diante de tentativas fracassadas ou insuficientes para o estabelecimento de interações estáveis com os frigoríficos e marchantes, e, ainda, das insatisfações com as regras vigentes naquele momento em relação à determinação do preço do suíno no mercado. A observância de que o valor monetário percebido pelos suinocultores para investimento no novo empreendimento era considerado demasiadamente elevado, também motivou a decisão no sentido de idealizar um empreendimento conjunto.

Os atores locais privados identificados nas etapas de constituição do frigorífico foram bastante similares aos identificados na composição da Coosuioponte e da Assuvap. Acredita-se que por serem sempre as mesmas lideranças e de longa data, ou seja, por serem suinocultores antigos na atividade, e algumas dessas lideranças já serem da segunda geração (filhos desses suinocultores precursores), elas compartilham fatores como valores, confiança, reciprocidade e laços de amizade. Esses fatores contribuem para a compreensão das relações que se estabelecem em contextos de competição e cooperação, assim como para caracterizar as ocorrências de ações conjuntas entre atores e atores e entidades (DOUGLAS, 1998; PUTNAM, 2002; COSTA; COSTA, 2007).

O papel da Assuvap enquanto instituição já constituída também exerceu influência sob a decisão de criação do frigorífico: “nós fizemos a reunião, nós precisávamos de dinheiro, [...] então, a Assuvap nesse momento era muito forte e a necessidade de fazer um frigorífico era um sonho que não era de uma pessoa, era um sonho do associado da Assuvap [...]” (Entrevista 16). Foi notado que apesar de não ter sido colocado como pré-requisito que os futuros acionistas tivessem que, necessariamente, pertencer à Assuvap, a maioria era associada.

Sob esse aspecto que relaciona a atuação dos suinocultores junto à associação, cabe resgatar a observação de North (2002) quanto à capacidade que as instituições possuem de tanto capacitar como de coagir os atores sociais, e esses, por sua vez, serem também capazes de utilizar as instituições existentes para criar novos campos de ação, ou, ainda, fundar novas instituições.

A segunda etapa identificada nos relatos que diz respeito à fase de execução do projeto em si, destaca as ocorrências de conflitos relacionados aos problemas de entrega de suínos para o frigorífico. Cada suinocultor/acionista assumia o compromisso de entregar o suíno vivo ao Saudali de acordo com sua participação acionária, mas naquela época era o mercado quem remunerava melhor o suinocultor. O conflito portanto se estabelecia quando o suinocultor (acionista) realizava sua venda no mercado, em vez de concretizar a entrega ao Saudali. A solução do problema foi estabelecida por meio de um contrato firmado entre os acionistas, chamado de ‘acordo de acionistas’, no qual eles se comprometeram a realizar as entregas de animais necessárias ao frigorífico e prevê sanções caso não sejam feitas.

No que diz respeito ao estabelecimento de regras, North (2006) considera que as instituições compreendem os limites ou o arcabouço estabelecido pelos homens para disciplinar suas interações e seus relacionamentos com os outros. São constituídas por regras formais e informais, bem como os mecanismos responsáveis pela eficácia desses dois tipos de normas.

Nesse sentido, pode-se dizer que regras e limites formais e informais foram sendo transformadas e integradas às relações entre os suinocultores no novo contexto da instituição que estava sendo criada.

A exemplo de limites informais foi notado, por exemplo, relações de confiança e de legitimidade depositada nos dirigentes por parte dos acionistas, ainda que apresentando, inicialmente, sucessivas crises. Outros limites foram firmados com auxílio de mecanismos formais, inclusive quando apresentado comportamentos que ferem normas de conduta estabelecidas como o caso das sanções previstas no acordo de acionistas.

Outro destaque relativo às crises observado na análise das UCEs dessas classes está relacionada às dificuldades de gestão do frigorífico, sobretudo nos seus primeiros anos de constituição. Todavia, interessante é a observação de que as mesmas falas que narram as crises, parecem imediatamente salvaguardar as relações de confiança estabelecidas entre os suinocultores acionistas, e além disso a legitimidade conferida às ações do pequeno grupo que havia assumiu a comissão de gestão do empreendimento. Os recortes a seguir exemplificam essa análise: “[...] nunca teve atrito, então isso é muito bacana, para um cara colocar tanto dinheiro em um negócio e confiar naquilo que está sendo feito e proposto, [...]” (Entrevista 8); “[...] era consenso e continua sendo consenso que o Saudali foi excepcional, e ninguém nunca deixou de acreditar, nós estávamos fazendo a gestão ruim, o que é diferente, [...]” (Entrevista 16). Como referência a Putnam (2002), percebe-se que aqui também a confiança não encontra-se firmada em uma relação cega, mas que implica uma previsão de comportamento do outro que é independente.

#### **4.5 Comercialização (classe 5): “... mas a comercialização é o tendão de Aquiles ...”**

A classe 5, denominada mercado atual, envolveu 185 UCEs, com 124 palavras, o que corresponde a 19% do *corpus*, sendo a segunda classe mais representativa em termos de quantidade de UCEs.

Bosi (1994, p. 55) considera que “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado”. Nesse sentido, acredita-se que o motivo da alta representatividade dessa classe está diretamente associada ao momento ou ao cenário em que as entrevistas foram realizadas. Ao resgatarem as memórias passadas dos respectivos cenários de constituição da Assuvap, da Coosuioponte e do Frigorífico Saudali, os entrevistados também realizavam contrapontos ou comparações com o cenário do setor em 2016. Em decorrência, foram frequentemente assinalados os problemas ou desafios atuais da suinocultura local na perspectiva dos diferentes entrevistados, sendo o custo de produção, o consumo e a comercialização da carne suína os principais deles.

Com relação ao aumento dos custos de produção, os entrevistados destacaram as frequentes crises que o setor vem enfrentando, decorrentes das oscilações dos custos de produção, que no caso da suinocultura estão concentrados nos preços dos grãos de milho e de soja. Diferentes justificativas apontaram para as causas ou os agravantes dessas crises, por exemplo, problemas de gestão do governo federal, problemas de infraestrutura e de armazenamento, além da própria localização distante da região do Vale do Piranga dos principais centros produtores de grãos.

A atuação dos suinocultores e das instituições sobre essa crise foi considerada ainda incipiente entre muito dos entrevistados. Constatou-se que alguns suinocultores locais, por possuírem melhores condições financeiras e de estruturas, são capazes de planejar melhores estratégias de aquisição de insumo e formar estoques para os períodos de alta de preços, porém essas condições são bastante limitadas. Além disso, muitos entrevistados ressaltaram que a aquisição de grãos é uma decisão individual para muitos produtores, devido às características específicas dos grãos e preferências não compartilhadas, o que dificulta uma ação conjunta de compra de milho, por exemplo.

Foi notado que a atuação da Assuvap e da Coosuioponte sobre as demandas de aquisição

de grãos e crise de abastecimento, tem sido condicionada a cenários de crises. São as crises que fazem com que os suinocultores usem a associação e a cooperativa para promoção de reuniões, discussões sobre os cenários econômicos e discussões sobre a possibilidade de aquisição e formação de contratos e tomada de decisões. Contudo, após a crise essas ações parecem ser diluídas e sair da pauta de discussões.

Em alguns relatos foi possível perceber que existem ações articuladas da Assuvap e da Coosuiponte com outras instituições, setoriais e não setoriais, regionais e nacional, no sentido de buscarem soluções sobre essas crises e outras demandas. O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS) são exemplos de parceiros mencionados em diferentes entrevistas. Entretanto, os dirigentes reconhecem o elemento de complexidade às diferentes relações em virtude do desalinhamento daquilo que seja compreendido como prioridade ou interesse pelos envolvidos, o que muitas vezes dificulta o estabelecimento de parcerias.

A comercialização da carne suína, outro desafio destacado nessa classe, esteve também associada à história de constituição do Frigorífico Saudali, uma vez que a principal motivação para sua construção foi justamente os problemas enfrentados pelos suinocultores locais para comercialização de suas carcaças e o desejo de agregar valor ao produto final, por meio do processo de industrialização da carne suína. No entanto, constatou-se que apesar da construção do frigorífico a questão da comercialização permanece em pauta, porém com nova configuração, sendo associada ao que consideram como problema de baixo consumo da carne suína no mercado interno, decorrente do preconceito ainda existente em relação ao consumo de carne suína.

Foi comum nos diferentes relatos a menção do Projeto Nacional de Desenvolvimento da Suinocultura (PNDS), que tem como objetivos promover o desenvolvimento da suinocultura nacional, trabalhar para que a atividade alcance estabilidade econômica e promover benefícios sociais para os suinocultores e profissionais da cadeia produtiva, com foco na ampliação do mercado interno da carne suína. Criado em 2009, o PNDS tem como principais entidades parceiras o Sebrae Nacional, a Confederação Nacional de Agricultura e Pecuária, além das associações regionais vinculadas à ABCS, que é a representante nacional no projeto. O PNDS tem atuação em três frentes: soluções para produtores, soluções para indústria e soluções para consumidores, que é a comercialização.

No que diz respeito aos objetivos desta pesquisa, foi relevante notar a maneira pela qual os suinocultores e suas instituições encontram-se envolvidos e organizados em prol das ações desse projeto. Pode-se dizer que o PNDS constitui a ação conjunta atual dos suinocultores do Vale do Piranga, com o diferencial de incorporarem outras instituições além das três estudadas nesta pesquisa (Assuvap, Coosuiponte e Frigorífico Saudali). Ainda nesse contexto, pode-se dizer, fazendo uso de Schmitz (1997), que a ação conjunta dos produtores locais assume protagonismo sob as demais participações ou intervenções para regulação de mercados.

## **5 CONCLUSÃO**

O processo de constituição do aglomerado produtivo de suinocultura do Vale do Piranga - MG encontra-se intimamente relacionado à história da constituição e do desenvolvimento de suas instituições. Utilizando-se da metáfora de Douglas North (2002), as instituições da suinocultura local foram constituídas sob demandas (necessidades ou oportunidades) específicas percebidas por seus 'jogadores', os produtores suinocultores locais, que, inicialmente, agiram sob forma conjunta, privada e voluntária, resultando na criação das três diferentes instituições locais e setoriais analisadas. Essas foram construídas sob especificações de regras formais e informais que orientaram, e têm orientado, as ações desses suinocultores.

Os suinocultores locais foram portanto os agentes das mudanças institucionais percebidas no Vale do Piranga e as fizeram como consequência da interação com as mudanças

externas do ambiente, e do conhecimento e habilidade que foram adquirindo ao longo do tempo, que os permitiram identificar novas oportunidades. Essas por sua vez, coincide com momentos políticos, marcados por lutas por recursos escassos, situações de crises ou contestações entre grupos detentores de distintos níveis de poder e interesses.

A cadeia de relações sociais entre os suinocultores permitiu que, ao longo do tempo, fossem sendo criadas e disseminadas relações de confiança entre os suinocultores firmadas, por exemplo, em crenças do tipo “confio em fulano porque confio em beltrano, e beltrano me garante que fulano é de confiança”. Contudo, fazendo uso de Putnam (2002) e Bachman e Zaheer (2014), essas relações de confiança não se estabelecem às cegas, mas implicam na expectativa de que a contraparte agirá de maneira confiável, previsível e justa, ainda que em condições potenciais para comportamento oportunista.

Em concordância com Granovetter (1985), foi entendido que a ação econômica desencadeada nos diferentes momentos do processo de institucionalização do mercado de suinocultura analisado, esteve situado socialmente. O enraizamento com o local foi notado nas narrativas pois os suinocultores se reconhecem por meio de suas histórias, valores e normas compartilhadas. Foi percebido um sentimento de orgulho expresso na necessidade de se auto denominarem é de serem reconhecidos enquanto suinocultores do Vale do Piranga. A expressão do local vem inclusive registrada na extensão dos nomes das três entidades, no entanto ela não comunica apenas a origem da produção dos suínos, mas o senso de pertencimento e de identidade assumidos pelos produtores. Como Granovetter (1998) e Costa e Costa (2007) concordam em seus estudos, aqui também percebe-se que esses sentimentos compartilhados são capazes de contribuir tanto para o fortalecimento de capital social, como para um tipo de controle social que possa inibir comportamentos oportunistas.

A presença de empreendedores estratégicos hábeis definida por Fligstein (2007) também foi observado neste estudo. Foi demonstrada a existência de um grupo de suinocultores reconhecidos e citados pelos entrevistados como figuras empreendedoras, políticas e líderes responsáveis pela condução das principais decisões de constituição dessas instituições. Foram associadas a esse grupo a capacidade de induzir o comportamento de cooperação entre os suinocultores ao definir as demandas, interesses e identidades comuns, as quais permitem a criação e o desenvolvimento das instituições que fazem parte.

Quanto a compreensão da ação conjunta, sabe-se que a mesma cria condições para que sejam solucionados problemas de grande complexidade, uma dessas é através da utilização de capital social e capital institucional (PUTNAM, 2002; OSTROM, 2003). Nesse sentido, pode-se concluir que o grupo de suinocultores fizeram uso de suas relações sociais e do capital social ali gerado para criar condições para a solução de problemas de maior magnitude ou lidar com oportunidades de negócios de maior complexidade através de mecanismos institucionais cada vez mais estruturados, postos em práticas, muitas vezes, por meio de suas instituições.

Dessa forma, conclui-se que foi por meio de suas instituições e por processos de cognição (ou seja, do conhecimento e habilidades que os atores dispõem) que as principais ações e decisões relativas às pautas e demandas da suinocultura do Vale do Piranga vêm sendo discutidas e compartilhadas. Podendo ser observado que, citando Baiardi (2008, p. 53), é “a solidariedade institucional a responsável pela ação coletiva não compulsória”.

Enquanto indivíduo, o suinocultor efetua o cálculo racional acerca das condições que melhor atendem a seus interesses particulares diante uma pauta específica. Contudo, com o desenvolvimento da atividade e a entrada de novos suinocultores, o processo passa por transformações em que a interpretação atribuída por North (2006) e Douglas (1998), os quais consideram outras racionalidades para além da instrumental, ganha evidência. Essas instituições, sobretudo a Assuvap e a Coosuioponte, ganham representatividade e legitimidade, tornam-se espaços de tomada de decisão e representam os suinocultores do Vale do Piranga junto às demais entidade de classe, empresas fornecedoras, entes públicos e privados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABCS. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DOS CRIADORES DE SUÍNOS. Projeto Nacional de Desenvolvimento da Suinocultura - **PNDS**. Disponível em: <<http://www.abcs.org.br/pnds/o-projeto>>. Acessado em janeiro de 2017.
- ABPA. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÍNA ANIMA. **Relatório Anual 2016**. Disponível em: <<http://abpa-br.com.br/setores/avicultura/publicacoes/relatorios-anuais/2016>>. Acesso em: 18 de janeiro de 2017.
- ASSUVAP. ASSOCIAÇÃO DOS SUINOCULTORES DO VALE DO PIRANGA. Website Institucional. Disponível em: <<http://www.assuvap.com/assoc/pt/>>. Acesso em: 01 de dezembro de 2016.
- AZEVEDO, D. M; COSTA, R. K. S; MIRANDA, F. A. N. Uso do Alceste na análise de dados qualitativos: contribuições na pesquisa em enfermagem. *Revista de Enfermagem, UFPE On line, Recife, 7(esp): 5015-22, jul., 2013.*
- BACHMANN, R; ZAHEER, A. Confiança nas relações interorganizacionais. In: CROPPER, S. et al. **Handbook de relações interorganizacionais da Oxford**. Porto Alegre: Bookman, 2014. 479 - 498 p.
- BAIARDI, A. Competição e Cooperação/ Cooperação. **Organizações & Sociedade**, v. 15, n. 45, p. 47-60, 2008.
- BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- CAMARGO, B. V. ALCESTE: um programa informatizado de análise qualitativa de dados textuais. In Moreira, A.S.P. et al. (Orgs.). **Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais**. João Pessoa: UFPB/Editora Universitária, 2005, 511- 539 p.
- COSSUIPONTE. Cooperativa dos Suinocultores de Ponte Nova e Região Ltda. **Estatuto da Cooperativa dos Suinocultores de Ponte Nova e Região – CoosuiPONTE**. Ponte Nova, MG, 1998. 19p.
- COSTA, A. B.; COSTA, B. M. Cooperação e Capital Social em Arranjos Produtivos Locais. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. 9, n. 15, Salvador – BA, Janeiro, 2007.
- CRITT – Centro Regional de Inovação e Transferência de Tecnologia. **Diagnóstico do Arranjo Produtivo da Suinocultura de Ponte Nova e Região**. UFJF: Juiz de Fora, 2003. 97 p.
- DATAVIVA. Disponível em: <<http://dataviva.info/pt/>>. Acesso em 01 abril de 2016.
- DOUGLAS, M. **Como as Instituições Pensam**. Editora da Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, 1998.
- FLIGSTEIN, Neil. Habilidade social e a teoria dos campos. **Revista de Administração de Empresas - RAE**, abr./jun., p. 61-80, 2007.
- GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas - RAE**, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.
- GRANOVETTER, M. S. Economic Action and Social Structure: The Problem of Embeddedness. **American Journal of Sociology**, 91: 481-510, 1985.
- IMAGE. Alceste: **Analyse de données textuelles**. Toulouse: Manuel d'utilisateur. 1998.
- NORTH, D. C. Institutions. **Journal of Economic Perspectives**, [s.l.], v.5, n.1, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Custos de Transação, Instituições e desempenho Econômico**. Rio de Janeiro: Instituto Liberal. 2006.
- OSTROM, E.; AHN, Y. T. K. Una perspectiva del capital social desde las ciencias sociales: capital social y acción colectiva. **Revista Mexicana de Sociología**, v. 65, n. 1, p. 155-233, 2003.
- PUTNAM, R. D. **Comunidade e democracia: a experiência da Itália moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2002.
- SALAMA, A. O uso da biografia de uma organização como método de pesquisa para a investigação do desenvolvimento organizacional. **Revista da Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p.34-42, jan./mar., 1994.



SARAIVA, E. R. A; COUTINHO, M. P. L.; MIRANDA, R. S. O emprego do software Alceste e o desvendar do mundo lexical em pesquisa documental. In: COUTINHO, M. P. L.; SARAIVA, E. R. A (Org), **Métodos de pesquisa em psicologia social: perspectivas qualitativas e quantitativas**. João Pessoa: Ed. Universitária, 2011, 67-94 p.

SCHMITZ, H. Collective Efficiency and Increasing Returns. **IDS Working Paper 50**. March, 1997.

SEAPA. SECRETARIA DE ESTADO DE AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO DE MINAS GERAIS. Relatório Pecuária Suinocultura, 2015. Disponível em: <[http://www.agricultura.mg.gov.br/images/Arq\\_Relatorios/Pecuaria/2015/abr/suinocultura\\_abr\\_2015.pdf](http://www.agricultura.mg.gov.br/images/Arq_Relatorios/Pecuaria/2015/abr/suinocultura_abr_2015.pdf)>. Acesso em fevereiro de 2017.

SOUZA, E. S. et al. **Guia de utilização do software Alceste**: uma ferramenta de análise lexical aplicada à interpretação de discurso de atores na agricultura. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, 37p. 2009.

SUZIGAN, W.; GARCIA, R.; FURTADO, J. Governança de sistemas de MPMEs em clusters industriais. **Rede de Sistemas Produtivos e Inovativos. UFRJ**, 2002. Disponível em: <<http://www.redesist.ie.ufrj.br/>>. Acessado em outubro de 2016.

TV ASSUVAP - Documentário Assuvap 25 anos. Coord. Produção de Paula Gomides. **Documentário**. Canal TVAssuvap no YouTube. 2010. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=09qUzt7deME>>. Acesso em: dezembro de 2016.